



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

RAFAELLA MANGUEIRA ALVES

**A RESIGNIFICAÇÃO DA PRÁTICA DA LEITURA:
ENSAIOS E CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO
DE LEITORES CRÍTICOS**

CAJAZEIRAS - PB

2009

RAFAELLA MANGUEIRA ALVES

**A RESIGNIFICAÇÃO DA PRÁTICA DA LEITURA:
ENSAIOS E CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO
DE LEITORES CRÍTICOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



A474r Alves, Rafaella Mangueira.
A resignificação da prática da leitura: ensaios e contribuições para formação de leitores críticos / Rafaella Mangueira Alves. - Cajazeiras, 2009.
34f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Leitura. 2. Formação do leitor. 3. Leitor crítico. 4. Prática de leitura. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 028

Rafaella Mangueira Alves

**A RESSIGNIFICAÇÃO DA PRÁTICA DA LEITURA:
ensaios e contribuições para formação de leitores críticos**

Monografia aprovada em ____ / ____ / ____

Profª. Ms. Maria Janete de Lima (orientadora)

**Cajazeiras - PB
2009**

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus por me ajudar a seguir esta caminhada com fé e confiança, aos meus pais por todo amor e carinho em todos os momentos da minha vida e por fim minha irmã Rocsana e a minha amiga Wigna por estarem comigo em todos os desafios do curso. A todos o meu muito obrigado.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAIBA

AGRADECIMENTOS

No final desta etapa, quero agradecer, em primeiro, a Deus por ter me dado força e disposição para prosseguir na caminhada.

Aos meus pais e minha família pela confiança e incentivo em todos os momentos do decorrer do curso.

Aos professores por todos os ensinamentos e aos meus amigos e amigas pela amizade e companheirismo para chegarmos ao fim do percurso.

Há quem diga que todas as noites são de sonhos. Mas há quem garanta que nem todas, só as de verão. Mas no fundo isso não tem importância.

O que interessa mesmo não são as noites em si, são os sonhos.

Sonhos que o homem sonha sempre.

Em todos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo ou acordado.

SHAKESPEARE

RESUMO

O presente trabalho de monografia intitulado a resignificação da prática de leitura: ensaios e contribuições para formação de leitores críticos terá por objetivo despertar educadores para um novo paradigma da leitura que se constitui como prática social e mote de participação efetiva na cultura grafocêntrica, bem como desenvolve o processo de formação do leitor crítico inserido no mundo da informação que exige novas formas de compreensão da realidade. Para alcançar esse objetivo realizamos observações sistematizadas na escola, objeto de estudo deste trabalho. Além disso, aplicamos questionários direcionados à docentes e discentes, na perspectiva de aprender a concepção de leitura desenvolvida por eles. A partir da análise de dados obtidas podemos inferir que no discurso de ambos os sujeitos educativos a prática de leitura apresentamos de modo diversificado, utilizando para isso diversos recursos metodológicos. No entanto, na prática, observamos que as atividades que envolvem a leitura efetiva-se de modo tradicional a partir dos textos do livro didático.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Ensino. Leitura. Prática.

SUMÁRIO

IIINTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I – Um olhar histórico sobre a leitura no ensino fundamental.....	12
1.1 Leitura emancipadora e o papel para efetivá-la.....	14
1.2 Sobre um novo conceito de letramento.....	18
1.3 A sala de aula como espaço de leituras significativas.....	22
CAPÍTULO II- Metodologia.....	24
2.1 Análise dos questionários dos professores.....	25
2.2 Análise dos questionários dos alunos.....	28
2.3 Análise do estágio.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXOS.....	38

INTRODUÇÃO

Partindo da premissa de que a leitura é uma prática sociocultural inserida nas relações de poder da sociedade, entender o letramento de grupos sociais das camadas populares pressupõe a análise das práticas de leitura e escrita e fazem parte dos contextos e instituições em que esses grupos sociais estão inseridos a fim de ressignificá-la.

Nesse sentido, busco nessa pesquisa analisar as relações entre os materiais e procedimento de leitura no contexto escolar vinculando-a com os contextos sociais, com os quais interage uma turma.

O presente trabalho objetiva investigar o acesso à leitura como mote de participação efetiva na sociedade e demonstrá-la como meio de interpretação crítica da realidade, bem como lançar um olhar pedagógico sob o prisma das metodologias utilizadas para condução dos trabalhos concernentes à leitura no ambiente escolar, ao passo que as pessoas utilizam-se da linguagem para mediar as suas relações, essa dotadas de sentidos e interesses que necessitam ser desveladas e analisadas.

Faz-se necessário enquanto sujeitos participantes de uma vida social, desenvolvermos nosso hábito de leitura para efetivamente articular e dar sentido aos elementos que compõe as estruturas culturais, religiosas, políticas, sociais e relacionais a fim de configurar novas práticas e paradigmas à nossa atividade de ler enquanto construtores de sentidos e significados, convém despertarmos para essa nova realidade de incorporação de leitura crítica como um mote de interpretação e compreensão da realidade de que nos cerca, preparando-nos para intervir nas suas estruturas e elementos formativos como indivíduos criativos, reflexivos e despertos para o que há por trás das entrelinhas do que se apresenta como objeto de leitura.

De acordo com estimativas a 1970, "cerca de 50% dos alunos das escolas primárias desertavam em condições de semi-analfabetismo ou analfabetismo potencial na maioria dos países da América Latina" (SILVA, 1981, p. 67). Isto sem levar em conta o contingente de crianças em idade escolar que sequer têm acesso à escola e que, portanto, já se encontram a priori marginalizadas dos mecanismos para domínio e

apreensão da leitura, constituindo-se como indivíduo acrílicos a apáticos às suas realidades sociais.

O simples dado acima indicado lança de imediato em nossos rostos a realidade da marginalidade relativamente ao fenômeno da escolarização e da produção da leitura. Como interpretar esse dado? Como explicá-lo? O presente trabalho objetiva investigar o acesso à leitura como mote de participação efetiva na sociedade e demonstrá-la como meio de interpretação crítica da realidade, bem como lançar um olhar pedagógico sob o prisma das metodologias utilizadas para condução dos trabalhos concernentes à leitura no ambiente escolar, ao passo que as pessoas utilizam-se da linguagem para mediar as suas relações, essas dotadas de sentidos e interesses que necessitam ser desveladas e analisadas.

A linguagem se constitui como um instrumento de caráter de código para mediar às relações, como citado anteriormente, entre os seres humanos, objetivando a transpassar de informações, a inserção do indivíduo em um dado contexto, de atribuírem sentidos e significados a elementos apresentados como objetos de estudo suscetível de entendimento e exploração.

A prática da linguagem pressupõe compreensão crítica dos elementos que, interagindo entre si, compõe as realidades e objetos de estudo, possibilitando uma dimensão multimodal de leitura, desde as informações verbais e/ou não verbais. Observa-se assim, a importância da leitura das diversas modalidades de linguagem ante sua participação e necessidade para o desenvolvimento das sociedades modernas.

Nesse sentido, a leitura assume em âmbito escolar e social uma dimensão bem mais ampla do que simples decifração do código escrito. Não obstante esta constituía uma de suas modalidades fundamentais, determinando inclusive o comportamento do público receptor dos veículos eletrônicos em sociedades letradas altamente desenvolvidas. “A verdade é que a riqueza dos processos de comunicação humana pressupõe o uso de um simbolismo vasto e diferenciado que ultrapasse o universo alfabético do texto escrito”. (MELO apud ZILBERMAN, 1983).

Foucambert (1994) nos mostra que ler não é apenas passar os olhos em algo escrito, não é fazer versão oral de um escrito. A escrita é o produto cultural por excelência, no entanto, ela não restringe o sentido do aprender a ler apenas à decodificação do sinal gráfico. Ler significa ser questionado pelo mundo e si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, mas não somente nela, significa, segundo Foucambert (1994, P.7):

Ter acesso à escrita, construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é. Ler não consiste em encontrar o oral no escrito, nem mesmo nos países em que a escrita, por motivos muito pouco relacionados à leitura tem uma correspondência aproximativa oral.

A criança aprende a falar porque, a partir de uma situação que a envolve, atribui sentido a alguma mensagem desprezando boa parte dos elementos expressos, ela atribui sentidos aos que consideram mais significativo. Esse processo, segundo Ferreiro (2001, p. 16) "as crianças realizam de maneira espontânea". Essa espontaneidade a permite criar hipóteses sobre outros elementos até ali desconhecidos. Não é obrigatória a pronúncia das palavras na ordem em que se apresentam.

Esse processo de "aprender a ler", esmiuçado nesse trabalho, só é possível quando se corre o risco de errar e quando se acessa o todo antes do elemento gráfico. É nesse sentido que Paulo Freire (1988, P. 12) afirma que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra".

Foucambert (1998) infere que a leitura é a atribuição de um significado ao texto escrito: 20% de informações visuais, provenientes do texto; 80% de informações que provêm do leitor.

Diante de todas as considerações expostas, o processo de aprendizagem da leitura na escola, desvelado nesse trabalho, deve ajudar a criança a torna-se leitor dos textos que circulam no social e não limitá-la a leitura de um texto pedagógico.

Para aprofundar esta discussão acerca da ressignificação da prática da leitura, será apresentado a seguir sobe forma de capítulos algumas considerações em torno dessa temática.

Assim no primeiro capítulo intitulado um olhar histórico sobre a leitura no ensino fundamental discutiremos a compreensão da leitura do indivíduo inserido num contexto social, complexo marcado pela a era da informação.

O segundo capítulo denominado a sala de aula como espaço de leituras significativas, abordaremos as limitações do ato de ler.

O terceiro capítulo serão os procedimentos metodológicos, nele destacaremos a metodologia utilizada para a efetivação deste trabalho bem como as análises dos questionários dos educadores, educandos e do estágio.

Por fim abordaremos no quarto capítulo as considerações finais a cerca das atividades realizadas para efetivação deste trabalho.

CAPÍTULO I – Um olhar histórico sobre a leitura no ensino fundamental

A leitura é uma ação compreendida hoje como vital para inserção do indivíduo a um contexto social complexo e marcado pela era da informação e do conhecimento, sendo, por este motivo, pressuposto para assimilação e compreensão do próprio mundo.

É importante lembrar que a leitura nem sempre recebeu este valor condigno. Ao contrário, houve um longo período em que essa aprendizagem era concebida de modo distinto das práticas escolares, e os métodos até então existentes eram aplicáveis à educação privada, individual.

Nesse sentido, saber ler mesmo constituindo saberes fundamentais era uma aquisição privada e possível apenas para elite, pois apenas os seus filhos tinham condições de dispor de preceptores ou professores particulares.

Diante dessa realidade, Zilberman (1983, p. 11-12) destaca que:

A universalidade do ato de ler provém do fato de que todo indivíduo está intrinsecamente capacitado a ele, a partir de estímulos da sociedade e da vigência de códigos, que se transmite por intermédio do alfabeto. Esse estímulo passa a ocorrer com grande intensidade a partir do século XVIII, quando a leitura se revela como um fenômeno. Historicamente delimitado e circunscrito a um modelo de sociedade que se valeu dela para sua expressão.

É importante destacar que as concepções historicamente atribuídas à leitura advêm do contexto histórico e o modelo de dominação social. Destaca-se, ainda, o fato de que no século XVIII marca a mudança cultural na sociedade de cultura. Segundo Zilberman (1983, p. 18):

No século XVIII, desdobra-se uma revolução cultural, assinalada pela expressão das oportunidades de acesso ao saber, esta ocorreu de um lado a multiplicação dos meios de produção mecânica que difundem os bens culturais, antes privilégio de uma elite social e intelectual e de outro, o fato da ampliação do sistema escolar, que começando sua tarefa pela alfabetização propicia o aumento do público leitor.

Decorrente deste modelo social do século XVIII, a leitura é concebida como aprendizagem individual e distinta, visto que, inicialmente os alunos tinham acesso às letras e, ao longo dos anos de aprendizagem acerca da leitura, as crianças cujos pais dispunham de condições financeiras para custear um preceptor iniciavam o contexto da escrita. Somente no século XIX essas duas práticas começam a ser vistas de modo associado. No Brasil, a história da leitura é cheia de dificuldades e marcada por um tipo de colonização que aqui se desenvolveu.

Segundo Lajolo (2003, p. 59) “[...] até o início do século XIX, Portugal proibia a existência de imprensa e de tipografias na colônia, de forma que todo material impresso vinha de Lisboa e antes de ser publicado era submetido à censura”. Só a partir do estabelecimento da família real no Rio de Janeiro, 1808, é que surgiram os primeiros livros impressos do Brasil.

Na verdade, tal aperfeiçoamento estava relacionado com o novo modelo cultural proposto pelas idéias republicanas, passam a excluir indivíduos analfabetos.

Nesse contexto, Zilberman (1983, p.12), “como a escola, desde o século XVIII, sofre uma transformação em decorrência da necessidade de ocupar a infância durante esta etapa da vida, verifica-se porque a instituição converte-se no intermediário entre a criança e a cultura usando como ponte entre os dois a leitura”.

Historicamente, tratava-se de uma época marcada pela indústria nascente, a urbanização crescente, a necessidade de adoção de novos valores propagados pela classe do poder, veio demonstrar a urgência de garantir a todos o mínimo de instrução, sendo, pois, necessário, ao mesmo tempo, dotar os indivíduos da classe dominante aos rudimentos da leitura e escrita adequados à situação emergente. A década de 70 marca o início das ações do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que atingiu 30 milhões de jovens e adultos. Todavia, fora extinto em 25/11/1985 dando origem a Fundação Educar.

Também no início dos anos 80, com o objetivo fundamental de promover a participação comunitária, entraram em ação o Programa Nacional de Ações Sócio

Educativas para o meio rural (PRONASEC) e o Programa de Ações Sócio Educativas e Culturais (PRODASEC), centrado nas zonas urbanas.

Embora a passos lentos e com programas emergenciais que sempre eram extintos ou substituídos, dada à ineficiência que demonstravam, surgia a preocupação em levar aos indivíduos condições primárias de compreender o mundo que os cerca por meio da leitura e a expressão do pensamento por meio da palavra escrita.

Verificou-se nesse contexto, que essas iniciativas não resolvem o problema da expansão da alfabetização, ou seja, do desenvolvimento da leitura e escrita. Talvez por se constituírem em políticas fragmentadas que não colocarem a aquisição da leitura e escrita como projeto de democratização social efetiva.

1.1 Leitura emancipadora e o papel para efetivá-la

Estamos inseridos numa sociedade globalizada, onde os sistemas de informações e comunicações estão cada vez mais desenvolvidos e a escrita vem se tornando um código que é usado para mediar essas novas relações entre as pessoas. Isso é perceptível nas mais diversas esferas do tecido social. O mundo do trabalho das novas tecnologias, da produção e das relações humanas requer hoje competências que auxiliem o indivíduo a interpretar a realidade onde o mesmo vive, para que de maneira eficaz, intervenha positivamente nas mesmas.

A leitura, nesse contexto, é percebida como uma prática social de efetiva participação nessa rede de relações e significados, onde a necessidade de expressar-se em vista de dados fins exige uma compreensão crítica da realidade, e não, segundo Martins, (2006), p. 9) como “um gesto mecânico de decifrar sinais”. Nas salas de aula, os procedimentos pedagógicos tendem a supervalorizar desnecessariamente o ensino da gramática desvinculada das atividades práticas de leitura e escrita.

O domínio das normas gramaticais se efetiva mediante ao contato direto com os diversos tipos de textos perpassando procedimentos de ensino e aprendizagem

mecânicos e ineficazes. Martins (2006, p. 17) afirma que “o conhecimento da língua não é suficiente para a leitura se efetivar”.

A leitura praticada com criticidade, a fim de estabelecer relações entre o texto e o contexto, é alvo de grande importância para a vida de um cidadão. Ler significa interpretar, dar sentido, estabelecer uma relação de significação entre o leitor e o objeto em estudo. Essa atitude de estabelecer relações dotadas de sentidos aparece em diversas situações onde nossa compreensão dos elementos é necessária e não apenas quando nos encontramos diante de um papel impresso.

A simples decodificação dos signos linguísticos escritos não é sinônimo de leitura. Operamos nossa capacidade de “ler” a todo momento enquanto identificamos e compreendemos os elementos que nos circundam, que fazem sentido em nossa vida nessa perspectiva se encaixa a máxima de Freire (1991, p. 12) quando afirma que “a leitura de mundo, precede a leitura da palavra”. Para Martins (2006, p. 21), no tocante a algo sempre influente no ato de ler, corrobora que: [...] a interação das condições internas e subjetivas e das externas e objetivas são fundamentais para desencadear e desenvolver a leitura. Seja quem for o leitor, o ato de ler sempre estará ligada a essas condições, precária ou ideal.

Essa idéia de leitura como estabelecimento de sentidos e significados, enquanto relação entre o texto e o contexto, acompanha o processo educativo como uma âncora de novos paradigmas do processo de alfabetização e letramento. Considera-se um indivíduo letrado quando ele consegue articular as competências da língua à sua prática cotidiana enquanto ser social. Saber ler criticamente, nos dias atuais é perceber-se como um ser histórico, incluído em um contexto social, político, cultural, ético, religioso e principalmente econômico que dita as regras do jogo para nosso cotidiano.

Um leitor alienado que apenas decifra o código linguístico sem perceber, no entanto, o que existe por trás das entrelinhas, não leva em consideração os aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais e religiosos, o que auxiliaria na construção do significado para aquilo que lê.

Segundo Alves (1998) estamos diante de uma crise de ideologia, crise de valores, de cultura, de ordem política, de religião, crise de consciência das pessoas. Entendemos que mais do que nunca, o papel da escola, no sentido de instigar o desvelamento da ordem estrutural estabelecida intensifica-se. Há necessidade que a escola forme leitores-críticos que possam viver de maneira digna, diante de uma sociedade tão complexa, competitiva e principalmente excludente. Não estamos ilesos da preocupação em relação à formação de leitores superficiais.

A insatisfação é geral por parte dos educadores, constatamos esse fato, em momento de concursos mal sucedidos, de redação mal elaboradas em situação de vestibular, de resultados precários frente às avaliações que acontecem cotidianamente, em sala de aula, da falta de reflexão e significados atribuídos às notícias veiculadas pela mídia e muitas outras situações do cotidiano.

São situações como essas que faz Silva (1981), também reforçar a tese de que a leitura é o principal instrumento senão um dos únicos que nos resta, para sustentar uma educação emancipadora, combater a postura acrítica institucionalizada e apontar para outras formas de convivência social.

O papel da escola em relação ao ler e ao escrever alterou-se nos últimos tempos, exigindo do educador a compreensão do contexto do mundo contemporâneo, onde a palavra escrita amplia os modos de atingir a população, e exige de todos competências para agir com autonomia e criticidade frente a ela ou impõe-lhes uma atitude massificada e acrítica. Relacionando o ler/escrever à condição de poder pensar, interagir a partir do lido e ser capaz de dizer a sua palavra e o seu tempo por escrito, o presente programa valoriza o papel autoral de professores alunos, capaz de dar um novo significado ao ensinar e ao aprender.

Durante muito tempo a escola, diante da valorização da habilidade da leitura, se constituiu como detentora dessa prática. Desse modo, disseminou o costume de que se lia apenas na escola e que os alunos estariam fadados a confinar-se em livros que nada significavam em suas vidas. Esse fato contribuiu para a formação da idéia que concebe a leitura como algo enfadonho e de difícil aceitação. As práticas pedagógicas atuais ainda refletem essa perspectiva quando o professor não vincula

as atividades de leitura à realidade onde o aluno está inserido. A incorporação da realidade do aluno é um elemento que favorece para que eles sejam capazes de se afirmarem enquanto cidadãos e efetivarem sua intervenção e sua participação na sociedade.

Assim sendo, a postura do professor diante do desenvolvimento do ato de ler — atitudes em relação às condições de leitura — tem uma importância fundamental no “processo de descoberta de um universo desconhecido e maravilhoso” (MARTINS, 2006, p. 15). A atitude não crítica diante do planejamento e execução de tarefas escolares pertinentes ao desenvolvimento do hábito da leitura gera alunos leitores superficiais. Martins (2006, p.23) afirma que:

Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler se resume à decoreba de símbolos linguísticos por mais que doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para que, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.

O antídoto para isso é propor atividades de leitura que desenvolvam a criatividade, a autonomia e a criticidade, que seduzam e conquistem os leitores, pois a leitura crítica prepara a mente para encadear pensamentos de maneira lógica, conduzindo um raciocínio “inteligente”. Só encontraremos saídas eficazes para os problemas do cotidiano quando interpretarmos criticamente a realidade da realidade.

Nesse sentido Cagliari (1991) comenta que, de tudo que a escola pode oferecer de bom aos alunos a leitura, sem dúvida, o melhor, a grande herança da educação.

Segundo Zilberman (1983), o leitor compreensivo, porta-se diante do texto, transformando-o e transformando-se. Isto é, consegue ter percepção sobre quem veicula a idéia, para quê, para quem, em que contexto, sob que finalidade, e como, o que está sendo veiculado, pode refletir em sua vida. Para Zilberman e Silva (1981), saber ler e executar esse ato, crítica e frequentemente, é, em última instância, possuir mais elementos para pensar sobre a realidade e sobre as nossas condições

de vida. A leitura reflexiva é uma habilidade humana que permite o acesso do povo aos bens culturais já produzidos e registrados pela escrita.

De acordo com Kleiman (2001), “a compreensão de um texto escrito implica na compreensão de frases e sentenças, de provas formais e informais, objetivos, intenções e, também, ações e motivações”. Nesse sentido, se pudermos compreender a leitura como um processo cognitivo de busca de significado, poderemos auxiliar cada aluno a se transformar em um leitor maduro, que, ao interagir com o autor, avaliará, refletirá e extrapolará o sentido do texto, provocando uma “conversa” à distância entre o leitor/autor.

Kleiman (2001) afirma, ainda, que um leitor menos experiente não consegue estabelecer por si mesmo um objetivo para sua leitura; o adulto pode predeterminar, provisoriamente, os objetivos para tornar essa tarefa mais interessante e significativa para o aluno.

Sempre que o professor for oferecer um momento de leitura ao seu aluno, estabeleça inicialmente um objetivo de leitura. Assim, o aluno sabe como direcionar essa atividade. É preciso encaminhá-lo, através de questionamentos introdutórios, a estabelecer um objetivo, aprendendo a ativar diferentes aspectos cognitivos. Ler uma regra de jogo não é igual a ler um poema. Os propósitos são diferentes. Quando estabelecemos um objetivo para o que vamos ler, estamos iniciando no nosso diálogo com o texto.

Para tornarem-se leitores competentes, os alunos precisam estar em contato com diferentes tipos de textos, que atendam aos diferentes objetivos utilizados pelos leitores maduros.

1.2 Sobre um novo conceito de letramento

A noção de letramento é uma noção relativamente recente no cenário educacional e está relacionada à participação dos sujeitos nas práticas sociais que tem como eixo a linguagem escrita.

hoje, novas formas de uso social da leitura e da escrita, inclusive por aquelas pessoas consideradas analfabetas, vem se dando.

Os analfabetos envolvem-se em práticas sociais diárias de leitura e de escrita, quer seja ao pedir alguém que leia o nome de um ônibus ou de uma rua, que leia uma carta que recebe, que veja o prazo de validade de um produto no supermercado, que anote um recado para alguém etc. Embora não saibam ler e escrever, essas pessoas, de certo modo já apresentam graus de letramento, uma vez que estão imersas num mundo letrado e fazem uso, de uma forma ou de outra, da leitura e da escrita.

Soares (2001, p. 37) diz que “tornar-se letrado traz, também, consequências linguísticas”, conforme apontamos na parte inicial desta seção. Soares (2002, p. 145) apresenta letramento como “o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento”.

A autora identifica duas dimensões de letramento: a individual e a social. A dimensão individual de letramento, que envolve especificamente a competência de ler e escrever e compreender o que está lendo e escrevendo, requer um conjunto de habilidades, quais sejam: motoras, cognitivas e metacognitivas. Soares ressalta ainda que ler e escrever são processos diversos, embora complementares, que requerem habilidades diferenciadas.

A dimensão social do letramento apresenta-se como uma prática social, ou seja, de que forma, em um determinado contexto, as pessoas demonstram familiaridade com algumas práticas de leitura e de escrita.

Ainda para Soares (2001), o que é fundamental na questão do letramento são os chamados eventos de letramento, conceituados por Heath (1983), que ela mesma traduz por um evento de letramento é qualquer situação em que portador qualquer de escrita é parte integrante da natureza das interações entre os participantes e de seus processos de interpretação. Soares (2001) e também Kleiman (2001) dão

destaque a dois modelos de letramento proposto por Street (1984 1993): o autônomo e o ideológico.

O modelo autônomo de letramento é aquele em que o problema da não aprendizagem é uma questão individual. O aluno atribui a si próprio a responsabilidade de não ter aprendido; trata-se de um modelo bastante comum de ser encontrado entre alunos em processo de alfabetização: uma autoculpabilização por não ter estudado quando criança.

Quando alunos em processo de alfabetização nos dizem: “a gente só pode ser alguém na vida através do estudo e porque a gente sem estudo não é nada, né?” (conteúdos muito comuns de serem ouvidos) suas falas estão impregnadas por uma concepção autônoma de letramento, ou seja, é natural para eles se sentirem inferiorizados, pois se o discurso do poder dominante, das classes privilegiadas afirma que analfabetismo é “mancha”, escravidão, “erva daninha” etc. com que autoridade os alfabetizandos poderão questionar ou discordar desse pressuposto?

No modelo ideológico de letramento, o que se destaca é que “todas as práticas de letramento são aspectos não apenas da cultura, mas também das estruturas de poder numa sociedade”. (Kleiman, 2001, p. 38). Partindo-se, portanto, dessa afirmação: o que pode ser feito para superar o modelo autônomo de letramento, imposto pelos poderosos, que discrimina e exclui? Como desnaturalizar a desigualdade?

A transformação da prática escolar de forma que o conflito discursivo em sala de aula seja estabelecido para que as práticas sociais dominantes possam ser discutidas, examinadas e repensadas poderão construir contextos de aprendizagem, em que os alunos tragam seus conhecimentos, suas experiências, suas vivências, é uma das propostas de Kleiman (op. cit, p. 57).

O que não se pode perder de vista é que as diferenças (culturais, sociais, econômicas etc.) devem ser levadas em conta num processo de alfabetização de jovens e adultos, ou seja, com que finalidade a leitura e a escrita são ensinadas e

praticadas, buscando-se desfazer do “mito da neutralidade da educação”, como nos diz Freire (1983).

A voz dos alfabetizandos, ao serem ouvidas e respeitadas, propicia um contexto de aprendizagem onde o “saber da experiência vivida” é considerada; ao participarem de atividades letradas, suas vozes, mesmo que não portadoras da norma da língua considerada padrão, se tornem também legitimadas socialmente.

Alfabetizar letrando é o desafio posto para a educação de jovens e adultos. Assim como os autores que apresentamos, consideramos distintos os conceitos de alfabetização e letramento, embora entendamos que são processos que se interpenetram, uma vez que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e aprender a ler e a escrever é também compreender o mundo no seu contexto, vinculando linguagem e realidade (FREIRE, 1981).

1.3 A sala de aula como espaço de leituras significativas

As discussões atuais sobre a prática da leitura têm se acentuado em inúmeros relatos de pais e professores acerca da deficiência de seus filhos e alunos quanto às limitações do ato de ler quando conseguem ao menos chegar à decodificação dos signos linguísticos. Observando a prática pedagógica dos professores constata-se o atraso em suas metodologias em face aos novos paradigmas do processo de ensino-aprendizagem.

Diante da situação descrita, o Brasil encontra-se em uma das mais baixas colocações no ranking da leitura. O antídoto para o exposto é a criação de vínculo entre o prazer-motivação e as práticas metodológicas utilizadas para a condução da leitura na sala de aula. Outro sentido é conscientizar cada aluno da perspectiva social que leitura carrega no sentido de interpretar a realidade e na produção de bons alunos aplicados.

É necessária uma articulação clara na escrita e leitura: toda pessoa deve expressar-se com desenvoltura na escrita para praticar bem a leitura, ao passo de que quando há um déficit na leitura, escrever também passa a ser tarefa difícil. Partindo-se,

portanto, dessa afirmação: o que pode ser feito para superar o modelo autônomo de letramento, imposto pelos poderosos, que discrimina e exclui? Como desnaturalizar a desigualdade? A transformação da prática escolar de forma que o conflito discursivo em sala de aula seja estabelecido para que as práticas sociais dominantes possam ser discutidas examinadas e repensadas poderão construir contextos de aprendizagem, em que os alunos tragam seus conhecimentos, suas experiências, suas vivências, é uma das propostas de Kleiman (2001, p. 57).

O que não se pode perder de vista é que as diferenças (culturais, sociais, econômicas etc.) devem ser levadas em conta num processo de alfabetização de jovens e adultos, ou seja, com que finalidade a leitura e a escrita são ensinadas e praticadas, buscando-se desfazer do "mito da neutralidade da educação", como nos diz Freire (1981).

A voz dos alfabetizandos, ao serem ouvidas e respeitadas, propicia um contexto de aprendizagem onde o "saber da experiência vivida" é considerada; ao participarem de atividades letradas, suas vozes, mesmo não portadoras da norma língua considerada padrão, se tornem também legitimadas socialmente.

O ensino da leitura no Brasil está sendo reavaliado, pois é perceptível a falta de intimidade com a língua escrita. Isso devido à falta de convívio com textos. Mesmo com iniciativas de projetos que objetivam concertar o fluxo atrasado do desenvolvimento da prática da leitura, os alunos do Ensino Fundamental não conseguem efetivar e desenvolver essa prática.

Assim sendo, o educador, dentro do seu espaço de atuação que é a sala de aula, necessita sintonizar-se com o "mundo da leitura", constituindo-se também como um bom leitor. Sendo a leitura um processo de conquista, a escola necessita desenvolver e oferecer aos alunos ambientes de sedução como cantinho da leitura a fim de estimular a criatividade e a curiosidade. Outra alternativa viável é a criação de uma textoteca para leituras rápidas com textos ao alcance dos alunos.

CAPÍTULO II – Metodologia

O trabalho intitulado A resignificação da prática da leitura: ensaios e contribuições para a formação de leitores críticos serão desenvolvidos numa sala de aula do 3º ano da Escola Estadual de Ensino Infantil e Fundamental Victor Jurema, localizada na cidade de Cajazeiras Paraíba.

Tal trabalho elege como procedimento metodológico o estudo de caso, por este caracterizar-se pela seleção de “apenas um objeto de pesquisa, obtendo grande quantidade de informações sobre o caso escolhido, conseqüentemente, aprofundando seus aspectos (MATOS, 2001, p. 58)”.

Para a coleta de dados, serão considerados como instrumentos metodológicos a observação em sala de aula, lançando um olhar sistêmico acerca do objeto de estudo.

Tendo em vista a flexibilidade que esta técnica de pesquisa oferece, já que a mesma pode ser associada a qualquer outro procedimento metodológico, julgamos necessário implementar uma observação “orientada por um objetivo de pesquisa, planejada, registrada e ligada a proposições mais gerais, e que, além disso, deve ser submetida a controle de validade e precisão” (GIL apud MATOS, 2001, p. 58).

A partir da observação, buscaremos despertar os educadores para um novo paradigma de leitura que se constitui como prática social e mote de participação efetiva na cultura grafocêntrica, bem como desvelar o processo de formação do leitor crítico inserido no mundo da informação que exige novas formas de compreensão da realidade, além da contribuição que a instituição escolar pode dar nesse contexto formativo.

Para a realização desta pesquisa utilizamos ainda como recurso metodológico a aplicação de questionários direcionados tanto para os docentes quanto para os discentes por ser considerada como uma técnica de investigação em que “sem a presença do pesquisador, o investigado responde por escrito a um

A análise dos referidos questionários permitirá interpretarmos a compreensão que educandos e educadores têm em relação ao uso da leitura como prática social e mote de participação efetiva na cultura grafocêntrica.

Concluída a etapa de aplicação de tais instrumentos de pesquisa, passaremos ao momento da intervenção pedagógica. Nesse momento, buscaremos, implementar num período de quatro semanas uma prática pedagógica voltada para a inserção da leitura no espaço escolar na perspectiva de promover de compreender uma compreensão crítica dos elementos, possibilitando uma dimensão multidimensional da leitura, a partir de informações verbais e/ou não verbais.

2.1 Análise dos questionários dos professores

Para realização deste trabalho, que foi nomeado por A ressignificação da prática da leitura: ensaios e contribuições para a formação de leitores críticos, aplicaremos como procedimento metodológico para coleta de dados a observação do ambiente escolar e a aplicação de questionários tanto para o corpo docente, quanto aos discentes da Escola Estadual de Ensino Fundamental Joaquim Victor Jurema sediada na cidade de Cajazeiras – PB.

Com a aplicação do questionário teremos a compreensão dos aspectos qualitativos, nos dando a possibilidade de identificar e analisar através das respostas dos educadores a compreensão que cada um deles possui em relação à leitura e como eles atrelam a leitura como elemento potencializador da aprendizagem. Neste sentido serão observadas as atividades pedagógicas que envolvem a leitura relacionada aos conteúdos curriculares.

O questionário foi entregue a todos os professores da escola, mas apenas a professora da sala que o trabalho pedagógico será desenvolvido se dispôs a responder, depois de muita insistência. Em relação à professora, a mesma não possui nível de formação superior, mas está cursando Serviço Social na Faculdade Santa Maria.

Ao dar início aos questionamentos procuraremos identificar que tipo de leitura a professora trabalha em sala de aula. Diante da resposta da professora ela diz

trabalhar leituras diversas como histórias em quadrinho, revistas, jornais e outros. Ao perguntar como ela analisava os recursos materiais disponíveis na escola para as aulas de leitura, ela classifica como insuficiente e insatisfatório o material disponibilizado para a escola e que os poucos materiais utilizados na sala de aula já estão em péssimas condições de uso e ainda acrescenta que para ter uma aula diferenciada relacionada à leitura é preciso trazer de casa ou pedir para os alunos, vale salientar que isso é uma desculpa que ouvimos nos corredores da escola para justificar a pouca prática de leitura.

Ao indagarmos em relação ao espaço físico da escola direcionado para a prática da leitura, a professora expôs que, apesar da escola possuir salas amplas e arejadas, não disponibiliza de um espaço reservado apenas para leitura, mas que cada sala dispõe de um armário onde há alguns livros para trabalhos com leitura e as demais disciplinas.

Ao indagarmos sobre sua formação, se a leitura era um instrumento presente através da leitura de textos, ela disse que sim, que para ela a leitura é o meio mais eficaz para a formação do aluno e que é através dela que o aluno se desenvolve um ser crítico e que permite ao aluno sonhar e imaginar através da leitura. O que podemos observar é que a educadora atribui a falta de materiais à impossibilidade da aula de leitura se tornar dinâmica e prazerosa.

Então independente da disponibilidade da escola cabe ao professor trazer o melhor para sala de aula, buscar e pesquisar novas fontes, realizando tudo com muita satisfação e prazer em estar fazendo, tornando assim o hábito da leitura prazerosa.

Ao questionar quais tipos de texto que ela utilizava em sala de aula priorizando o aprendizado rápido e ao mesmo tempo divertindo o aluno, a professora respondeu que fazia leituras de gibis, recortes de textos de revistas e jornais e textos de internet, possibilitando assim uma aula dinâmica e bastante proveitosa em relação à aprendizagem dos alunos.

Em relação às atividades postas para os alunos perguntamos se a mesma acreditava ser satisfatório para a aprendizagem dos alunos. Ela respondeu que sim,

e que apesar da falta de estrutura familiar e as condições poucas para uma melhor aprendizagem ela busca a melhor forma de aplicar os conteúdos, buscando sempre a atenção e a participação dos alunos.

Com relação ao planejamento didático questionamos como escola tem contemplado a prática da leitura. De acordo com a professora as atividades envolvendo a leitura são voltadas para auxiliar o professor no momento de exposição dos conteúdos didáticos. Observamos que essa teoria é propagada em todo o meio educacional. Mas quando paramos para observar e vivenciar a prática nos deparamos com uma realidade diferente dos princípios construtivistas, se prendendo apenas aos métodos tradicionais.

Ao fazermos a última questão, quais pontos ela elencaria em relação à leitura, o que as escolas deveriam adotar para melhorar e instigar para prática de leitura. Ao responder ela atribuiu ao Estado a falta de recursos que levassem aos educadores a terem uma prática diferenciada. E que os professores deveriam trazer para sala textos diversos, que não fossem trabalhados apenas textos do livro didático.

E por fim acrescentamos que se as crianças encontrassem na escola um ambiente agradável, com aulas dinâmicas e atrativas, com certeza viriam todos os dias à escola e conseqüentemente sua aprendizagem seria mais rápida. Assim, podemos perceber que a professora atribuiu as dificuldades enfrentadas por eles, quanto à aplicação da leitura como fonte facilitadora da aprendizagem apenas ao "Estado" que não disponibiliza recursos para a melhoria da aprendizagem, deixando de observar sua prática e detectar em que aspectos podem melhorar e que soluções podem encontrar pra desenvolver um bom trabalho em sala de aula.

Portanto, a escola junto aos seus educadores deveria trabalhar em conjunto e procurar desenvolver com os alunos atividades com leituras de textos diversos e não apenas se prender ao livro didático, impossibilitando os alunos de se tornarem leitores críticos.

2.2 Análise dos questionários dos alunos

Ao dar continuidade a pesquisa que foi nomeada por Ressignificação da prática da leitura: compreendendo a leitura como potencializador da aprendizagem e para a formação de leitores críticos. Foi aplicado um questionário com sete questões direcionadas ao corpo discente do 3º ano do Ensino Fundamental da E. E. E.F. Joaquim Victor Jurema.

Com a aplicação do questionário foi possível compreender os aspectos qualitativos, nos dando a possibilidade de identificar e analisar através das respostas dadas pelos alunos no questionário aplicado, a importância que eles atribuem à leitura e como ela é trabalhada em sala de aula. Neste sentido observou-se as atividades pedagógicas que envolvem a leitura, relacionando-a aos conteúdos curriculares, mostrando a sua importância para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno.

Em uma sala de quinze alunos matriculados, apenas onze estavam presentes na hora da aplicação do questionário. Sendo sete do gênero feminino e quatro do gênero masculino. E nenhum dos alunos presentes tinha repetido o ano.

Dando início aos questionamentos, procuramos identificar o nível de envolvimento dos alunos com a leitura, perguntando se eles gostavam de ler. Todos os alunos responderam que gostavam de ler. Diante das respostas, dadas pelos alunos identificamos que eles gostam de ler, apesar de percebermos a pouca prática de leitura em sala de aula.

No segundo questionamento, indagamos a cerca dos materiais utilizados em sala de aula envolvendo a leitura, oito deles (as) afirmaram que o único material utilizado é o livro didático e os três restantes disseram que a professora usa livro diversos, jornais e revistas.

De acordo com as respostas dadas pelos alunos mostra que o recurso mais usado em sala de aula é o livro didático, onde há muito pouco ou quase nunca o uso de materiais alternativos para desenvolver em sala uma aula de leitura prazerosa.

Assim sendo, a postura do professor diante do ato de ler, atitudes em relação às condições de leitura, tem segundo Martins (2006, p. 15) “papel fundamental no processo de descoberta de um universo desconhecido e maravilhoso”. Diante do planejamento e execução de tarefas escolares pertinentes ao desenvolvimento do hábito da leitura gera alunos leitores superficiais.

No que diz respeito à disponibilização da escola para um espaço reservado apenas para a prática de leitura, por unanimidade da sala, os alunos afirmaram que a escola não disponibiliza um lugar adequado para leitura.

Mesmo a escola tendo um espaço pequeno que não lhes dá a oportunidade de ter uma biblioteca ou mesmo um lugar específico para leitura, poderia aproveitar a sala de aula que dispõe de um espaço amplo, para construir em cada sala um cantinho reservado para leitura, disponibilizando aos alunos os livros que chegam e são guardados em caixas e entulhados na direção, sem nenhum tipo de utilização.

Ao questionarmos os alunos sobre o tipo de leitura que gostariam que fossem trabalhadas em sala de aula, três alunos responderam gibis e quadrinhos, quatro responderam que textos de revistas e jornais e o restante da sala no total de quatro alunos responderam que bastaria o livro didático.

Ao indagar quais tipos de leitura gostariam que fosse abordado em classe pudemos perceber que a grande maioria gostaria de uma leitura diferenciada e divertida, fazendo com que a aula se torne dinâmica e com textos diversos, tornando assim a aprendizagem mais rápida e de forma descontraída.

Dando continuidade aos questionamentos dos alunos perguntamos se o professor (a) realizava atividades estas que não fosse apenas do livro didático, nove alunos responderam que não, que só era feito à leitura do livro didático, e apenas dois alunos responderam que sim, que era trabalhado outros tipos de leitura em sala.

De acordo com Martins (2006, p. 25) para “muitos educadores prevalece à pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e

para que, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade”.

Mostrando que o educador está cheio de métodos sofisticados, mas no mesmo regime mecânico e tradicional. Na penúltima questão feita aos alunos, perguntamos quais as estratégias utilizadas pelo professor para a prática da leitura, os onze responderam que a leitura do livro didático de forma individual e depois a mesma era repassada para o caderno de cópia.

Mediante as respostas dos alunos podemos inferir que a sua professora é detentora de uma metodologia tradicional onde se prende apenas ao uso do livro didático fazendo um repasse do conteúdo do livro sem fazer nenhuma relação com o meio em que eles vivem lhes possibilitando a não ter opinião própria.

Por fim perguntamos aos alunos o que eles gostariam que o professor trabalhasse a leitura em sala de aula, com respostas diferenciadas. Dois alunos gostariam que a leitura fosse feita através de gibis e quadrinhos, três deles falaram que gostaria de textos de jornais e revistas, outros três que fosse textos diversos de outros livros, e os dois últimos responderam que gostaria que fosse textos retirados da internet e apenas um respondeu nada.

Com as respostas dos alunos podemos observar o interesse de uma aula dinâmica e com uma diversidade de fontes que podem os levar a uma leitura prazerosa e com importantes resultados qualitativos no que diz respeito ao aprendizado do aluno.

Para Freire (2005), esse modelo de educação é denominado 'bancária', uma vez que o professor é o detentor do conhecimento deposita todo o conhecimento no aluno (a) o caixa, o qual assume uma posição passiva no processo de sua aprendizagem. Por isso o professor deve inovar suas aulas e levar em consideração o meio da criança, levando para a sala textos que agucem o interesse da criança, fazendo com que ele torne a leitura um ato constante e prazeroso.

2.3 análise do estágio

Durante todo o curso, passamos diversas etapas com muitas dificuldades, descobertas e aprendizagem. Ao chegarmos a essa etapa final do curso, passaremos pelo estágio supervisionado onde desenvolveremos um trabalho em uma escola pública com saberes teórico-metodológicos adquiridos no decorrer do curso.

Ao chegarmos nesse momento nos deparamos com dificuldades bem maiores e bem mais complexas, pois muitos de nós educando nunca vivenciamos a experiência de estar em sala de aula.

Essa é a hora de colocarmos em prática todos os ensinamentos adquiridos no decorrer do curso. Diante disso, colocaremos todas as observações pessoais percebidas na prática pedagógica, que se deu a partir do dia vinte e um (21) de setembro a dezesseis (16) de outubro, numa sala do 3º ano pertencente à Escola Estadual de Ensino Fundamental Joaquim Victor Jurema, localizada na cidade de Cajazeiras.

Ao dar início as práticas pedagógicas, me deparei com algumas dificuldades: em primeiro lugar assumi a sala de aula sem o acompanhamento da professora, pois a mesma se ausentou da escola num período do estágio. Diante disso, era uma novidade de ambas as partes tanto de mim professora quanto para os alunos, pois era uma professora que iria aplicar uma metodologia diferenciada da habitual, onde cada tem uma forma específica de conduzir sua aula. Portanto, foi preciso um tempo para nos adaptarmos uns aos outros.

Outra dificuldade encontrada no ambiente escolar foi à falta de estrutura familiar que a maioria das crianças enfrenta e que influenciam sobremaneira a aprendizagem dos mesmos. Essas implicações foram notórias durante todo o período do estágio. Ao observar e conversar com os alunos em momentos de descontração, os mesmo impuseram sua realidade de vida, dizendo que seus pais são na maioria dos casos usuários de drogas, que estão presos e que suas mães vivem no sub mundo da prostituição, são esses os relatos em sala de aula no seu dia a dia.

Em outro momento em sala de aula um aluno (A) ao ser chamado atenção por estar deferindo palavras de baixo calão, respondeu-me dizendo: “tia você sabe quem é meu pai...? Ele é o pior traficante desse bairro, ele manda eu me calar eu não obedeco.” Diante dessa exposição podemos observar a dificuldade de interagir com eles.

No que concerne às dificuldades enfrentadas mais nitidamente com relação ao processo de ensino aprendizagem, pode se destacar a falta de acompanhamento pedagógico por parte da instituição escolar, no que diz respeito aos atendimentos das crianças com necessidades educacionais especiais.

Observou-se também que muitos educandos ali presentes apresentam apenas conhecimentos rudimentares a cerca da leitura e da escrita de palavras. Quanto à noção de números e a sua quantificação, a grande maioria deles apresentam domínio quanto à realização de operações envolvendo a adição e subtração. No que diz respeito a outras duas operações, multiplicação e divisão, não conseguem resolver porque não foi aplicado em sala.

Assim a primeira semana do estágio serviu apenas para adaptação da professora e para o reconhecimento das novas práticas. Nas primeiras atividades aplicadas em sala de aula, pode-se perceber o déficit de aprendizagem considerável, principalmente dos aspectos de leitura e escrita, uma grande maioria da sala escreve ainda seu próprio nome através de rabiscos.

Em relação à produção textual os alunos desconhecem as regras e critérios utilizados para a realização do mesmo, embora buscássemos textos, gravuras e histórias relacionadas ao seu cotidiano ainda sim não conseguiam desenvolver. Quanto às noções de resolução de problemas matemáticos a turma só apresentou um bom desempenho relacionado às operações de adição e subtração.

Partindo da realidade presenciada, a proposta de intervenção pedagógica, pode-se configurar uma possibilidade concreta aos educandos uma oportunidade de aprender os conteúdos de forma criativa e ativa, uma vez que eles participariam de modo efetivo das atividades desenvolvidas em sala de aula.

Nas semanas seguintes procurou-se observar as experiências e vivências metodológicas que pudessem contribuir para a aprendizagem dos alunos. Considerando a proposta de intervenção pedagógica sugerida que a leitura é um elemento fundamental para o desenvolvimento intelectual dos aprendizes.

Podemos reconhecer que a possibilidade e a importância de trabalhar a leitura em todas as disciplinas, mas a investigação e a análise se deu no ensino da língua portuguesa, e matemática. Nesse sentido, muitas atividades foram desenvolvidas em sala como: bingo de palavras, jogos didáticos, dominós, cartazes história em quadrinho, textos de revistas, desenhos decorridos de história e etc.

Partindo dessas aulas dinâmicas e descontraídas podemos observar o interesse e o entusiasmo dos alunos em participarem da aula. Em cada atividade desenvolvida era satisfatório e empolgante ver alunos conseguirem resolver ou completar o jogo ou atividade exposta. Vale salientar que os alunos relataram sempre que não se tinha atividades extracurriculares só desenvolveram atividades do livro didático.

Diante dessa realidade percebe-se que uma mudança de atitude pedagógica do professor poderia amenizar o grau de deficiência da aprendizagem identificado nesses alunos onde é percebido que esta situação vem sendo camuflada durante todo o percurso educacional até chegarem a este ano escolar.

Para tanto, podemos observar que esse trabalho envolvendo a leitura é de fundamental importância para o processo de aprendizagem desses alunos, pois quando eles se mostram interessados e interagindo com a aula apresentam em alguns aspectos saltos positivos em relação ao nível de compreensão dos conteúdos.

Essa assertiva justifica-se pelo o fato de que durante certo período do estágio, os educandos aos poucos foram revelando seus saberes, angústias, e suas diferenças, que só nesse momento de modo mais acentuado, uma vez que eles tinham certa compreensão do sentido de ensinar e aprender, conferido aos mesmos. O ensino da matemática e do português poderia ser aplicado de forma diferenciada, não somente aquela pautada em princípios tradicionais.

Com relação ao estudo gramatical da língua portuguesa observa-se que assimilar os estudos da matemática, os educandos também apresentam resultados positivos quanto ao desenvolvimento de sua aprendizagem, uma vez que os mesmos passaram a participar mais efetivamente nas aulas. Com isso, podemos perceber que o desenvolvimento dos mesmos ainda que no pouco tempo que podemos trabalhar juntos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, faz-se necessário enquanto sujeitos praticantes de uma vida social, desenvolvermos nosso hábito de leitura para, efetivamente articular e dar sentidos aos elementos que compõem as estruturas culturais, religiosas, políticas, sociais e relacionadas, afim de configurar nossas práticas e paradigmas à nossa atividade de ler enquanto construtores de sentidos e significados.

Convém despertarmos para essa nova realidade de incorporação da leitura crítica como um mote de interpretação e compreensão da realidade que nos cerca preparando-nos para intervir nas suas estruturas e elementos formativos como indivíduos criativos, reflexivos e despertos para o que há por trás das entrelinhas do que se apresenta como objeto de leitura.

A provocação que se lança é que a prática da leitura, como tarefa de todas as áreas, motive um olhar e um refletir sobre a ação do professor e da escola em seu conjunto sobre seus compromissos no tocante a essa temática.

Esperamos que essa reflexão venha abrir perspectivas para que, na escola, um pergunte ao outro sobre o que pensa ser ler e escrever em sua área; que desperte o interagir orientado, para uma formação mais ampla, completa e dinâmica, que seja viável encaminhar ações interdisciplinares possíveis e desejáveis.

E ainda, que entre os educadores passe se estabelecer um diálogo constante a respeito das atividades de ler, isto é, sobre a atividade de ensinar, oportunidade de construir e produzir conhecimento.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Giovani. **Trabalho e mundialização do capital: a nova degradação do trabalho na via da globalização**. São Paulo: Práxis, 1998.

CAGLIARE, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguagem**. São Paulo: Scipione, 1991.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1991.

KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____ (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 3ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é letra**. 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001.

MEY, J. **As vozes da sociedade: seminários de pragmáticas**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SILVA, Ezequiel t. da. **O ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1981.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autentica 2001.

_____. **Letramento e escola: uma perspectiva social**. 17ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Letramento e escolarização**. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2003, p. 89-113.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2004.

ZILBERMAN. A produção da leitura e suas condições. In: **Leitura: teoria e prática**.
Campinas: Ática, 1983.

Anexos

ANEXO A — Questionário aplicado com professores

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Formação de Professores
Curso: pedagogia
Disciplina: Prática Docente nas Séries do Ensino Fundamental III
Professora: Maria Janete de Lima
Aluna: Rafaella Manguiera Alves

Questionário (professora)

Escola: _____

Nome: _____

Nível de Formação: _____

Ano que leciona: _____

Tempo de serviço de magistério: _____

Questionário

1º Que tipo de leitura você trabalha em sala de aula?

2º Como você analisa os recursos materiais disponíveis na escola para o melhor aprendizado de leitura pelos alunos ?

3º Como você analisa o espaço físico da escola para a prática das atividades de leitura?

4º Em seu processo de formação continuada, a leitura é instrumento presente através da leitura de texto?

5º Quais os tipos de textos você utiliza em sala de aula, priorizando o aprendizado rápido e ao mesmo tempo divertindo o aluno?

6º Em relação as atividades postas para os alunos você acredita que estão sendo satisfatória para a aprendizagem dos mesmos?

7º Como o planejamento didático tem contemplado a prática de leitura pelos alunos?

8º Que pontos você elencaria em relação a leitura, que as escolas deveriam adotar para melhorar ou instigar os alunos para a prática da leitura?

ANEXO B — Questionário aplicado com alunos

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Formação de Professores
Curso: pedagogia
Disciplina: Prática Docente nas Séries do Ensino Fundamental III
Professora: Maria Janete de Lima
Aluna: Rafaella Manguiera Alves

Questionário (aluno (a))

Escola: _____

Aluno: _____

Ano: _____

Idade: _____

Já repetiu o ano? _____

Questões

1º Você gosta de ler

gosta obrigatoriamente

mais ou menos não gosta

2º Quais os materiais utilizados pelo professor nas aulas de leitura?

livros livro didático

revistas nenhum

3º A escola disponibiliza um espaço adequado para a realização da leitura?

sim não

4º Que tipo de leitura você gosta de realizar em sala de aula?

quadrinhos

gibi

livro didático

revistas e jornais

5º O seu professor realiza atividade extras que não seja apenas do livro didático?

sim

não

6º Que estratégias de leitura o seu professor utiliza em sala de aula?

leitura de livro didático

jornais

revistas

textos diversos

7º Como você gostaria que o seu professor desse as aulas de leitura?